

ANDRÉ COMTE-SPONVILLE

**A FELICIDADE,
DESESPERADAMENTE**

Tradução de
Carmo Vasconcelos Romão

alma
dos
livros

*O texto que se segue é a transcrição, revista e corrigida
pelo autor, da conferência-debate proferida por
André Comte-Sponville a 18 de outubro de 1999,
no âmbito das Lundis Philo no Piano'cktail,
em Bouguenais (Líger-Atlântico).*

ÍNDICE

Introdução..... 11

Um

A felicidade malograda, ou as armadilhas da esperança 21

Dois

Crítica da esperança, ou a felicidade em ato 37

Três

A felicidade, desesperadamente: uma sabedoria do desespero,
da felicidade e do amor 53

Conclusão

Perguntas a André Comte-Sponville 71

Introdução

Vou falar então de felicidade... Confesso que, diante de tal tema, sinto-me dividido entre dois sentimentos opostos. Em primeiro lugar, o sentimento da evidência, até da banalidade: porque, quase que por definição, a felicidade interessa a todos nós (lembrai-vos de Pascal: «Todos os homens procuram ser felizes; sem exceção... É esse o motivo de todas as ações de todos os homens, inclusivamente dos que se vão enforçar...»¹) e deveria interessar ainda mais ao filósofo. Tradicional e historicamente, desde que os gregos inventaram a palavra e a coisa *filosofia*, todos sabemos que a felicidade faz parte dos objetos privilegiados da reflexão filosófica, que é até um dos mais importantes e dos mais constantes. Vejamos Sócrates ou Platão, Aristóteles ou Epicuro, Espinosa ou Kant, Diderot ou Alain... «Não é verdade que todos nós, homens, desejamos ser felizes?»²

¹ Pascal, *Pensées*, fragmento 148-425 (o primeiro número é o da ed. Lafuma, Seuil, 1963; o segundo é o da ed. Brunschvicg, Hachette, 1897). [*Pensamentos*, trad. portuguesa de Miguel Serra Pereira, Lisboa, Relógio de Água, 2019.]

² Platão, *Entidemo*, trad. portuguesa de Adriana Manuela de Mendonça Freire Nogueira, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1999.

A resposta é tão evidente, nota Platão, que a pergunta não merece ser feita. «De facto, quem não deseja ser feliz?»³ A busca da felicidade é a coisa mais bem partilhada deste mundo.

Porém, juntamente com esse sentimento de evidência ou de banalidade, tenho também o sentimento de um certo particularismo, de uma certa solidão, para não dizer de uma certa audácia: esse tema que pertence há muito à tradição filosófica, já a maioria dos filósofos contemporâneos – digamos os que dominaram a segunda metade do século XX – a tinha abandonado quase completamente, como se de súbito a felicidade tivesse deixado de ser um problema filosófico. Foi o que surpreendeu os meus colegas quando publiquei o meu primeiro livro, *Traité du désespoir et de la béatitude*⁴... Parecia-lhes que retomava velhas noções – a da felicidade, a da sabedoria... – que lhes pareciam obsoletas, arcaicas, ultrapassadas e, segundo me disse na época o meu ex-professor do curso preparatório, eu filosofava como já não se fazia «há séculos», «como já ninguém se atreve a fazer», acrescentou ele, e nunca cheguei a saber se se tratava de um elogio ou de uma crítica. Resumindo, eu estava com alguns séculos de atraso e não deixaram de me fazer notar... Serão quase sempre os mesmos que, anos mais tarde, me repreenderão por *seguir a moda* (Que moda? A da sabedoria, da filosofia antiga ou à antiga, da ética, da felicidade...).

³ *Ibid.*

⁴ Tomo I, *Le Mythe d'Icare*, PUF, 1984; tomo II, *Vivre*, PUF, 1988.

Porém, não mudei muito, nem eles. O público mudou, isso sim, e tanto melhor se eu tiver alguma coisa que ver com isso.

O meu primeiro livro apareceu em janeiro de 1984. De facto, parecia que eu estava com vários séculos de atraso... Depois, pouco a pouco, veio o sucesso e apercebi-me de que, afinal, estava apenas uma dezena de anos adiantado. Não me gabo. Que são dez anos para a filosofia? Mas também não tenho de que me envergonhar. A verdade é que o passado da filosofia está sempre diante de nós e nunca deixaremos de o explorar, de o compreender, de o experimentar, de o prolongar... E que foi também por não ter medo de parecer ultrapassado ou atrasado que talvez, por vezes, tenha estado um pouco adiantado...

O facto é que o meu ponto de partida, em filosofia, foi retomar essa antiga questão grega e filosófica, a questão da felicidade, da vida boa, da sabedoria. Não pelo gosto de remar contra a maré, mas porque desejava fazer filosofia como a faziam os mestres que apreciava e admirava, embora alguns deles já tivessem morrido há muitos séculos: os gregos em primeiro lugar, claro, mas também Montaigne ou Descartes, Espinosa ou Alain... Aliás, nesse mesmo caminho, havia pelo menos um contemporâneo que me precedera: Marcel Conche. Depois outro que, sem o seguir pessoalmente, me incentivava a explorá-lo: Louis Althusser. Segui os seus exemplos ou os seus conselhos. Subi muito a montante na história da filosofia para tentar avançar um pouco. Não tinha escolha; não teria podido filosofar de outro modo.

Em suma, quis retomar não só a etimologia, que é apenas um pequeno aspeto da questão, mas essa tradição filosófica que faz com que a *philosophia*, como diziam os gregos, seja etimológica e conceptualmente o amor à sabedoria, a busca da sabedoria, sabedoria essa que se reconhece de facto para quem a alcança e, segundo a quase totalidade dos autores, numa certa qualidade de felicidade. Se a filosofia não nos ajudar a ser felizes, ou a ser menos infelizes, para que serve a filosofia?

O filósofo que mais me marcou durante todos os anos de estudos, mais ainda do que Espinosa, do que Marx ou Althusser, foi, sem dúvida, Epicuro, que descobri no curso preparatório e a quem consagrei a minha tese de mestrado. Desde logo fiz minha a sua bela definição de filosofia. Lembram-se da vossa primeira aula de Filosofia no ensino secundário? Há uma pergunta que os professores fazem quase inevitavelmente (eu próprio fui professor de Filosofia durante vários anos) na primeira aula do ano, no princípio do mês de setembro. É preciso explicar aos adolescentes que nunca a praticaram o que é, afinal, a filosofia; isto é, o que vamos fazer ao longo de oito, cinco ou três horas semanais, conforme a área, durante o ano inteiro; o que é esta nova disciplina – nova para eles! – e que há tantos séculos se chama filosofia...

Contaram-me que um colega meu, na primeira aula do ano, à pergunta «O que é a Filosofia?» respondeu: «A filosofia é verdadeiramente uma coisa extraordinária. Ensino-a há vinte anos e ainda não sei o que é!» Se fosse verdade, acharia esse facto mais inquietante que

extraordinário. Que valor pode ter uma disciplina intelectual incapaz sequer de se definir? Mas não acredito nisso. A verdade é que é perfeitamente possível responder à pergunta «O que é a Filosofia?» e até de várias maneiras, sendo essa pluralidade já filosófica em si mesma. Pela minha parte, dizia eu há pouco, faço minha a resposta que Epicuro dava a essa questão. E ela toma, como convém, a forma de uma definição: *A filosofia é uma atividade que, através de discursos e raciocínios, nos proporciona a vida feliz.*⁵ Gosto de tudo nesta definição. Gosto, antes de mais, que a filosofia seja uma «atividade», *energeia*, e não apenas um sistema, uma especulação ou uma contemplação. Gosto que se exerça por meio de «discursos e raciocínios» e não por visões, bons sentimentos ou êxtases. Enfim, gosto que nos ofereça «a vida feliz» e não apenas o saber ou, ainda menos, o poder... Ou, em todo o caso, que *tenha tendência* a proporcionar-nos uma vida feliz. Porque se tivesse de formular uma reserva, e tenho uma, relativamente a essa bela definição de Epicuro, seria a de não estar convencido de que nós, os Modernos, dispunhamos dos meios para assumir o belo otimismo grego, ou a bela confiança grega. Onde Epicuro escrevia que a «filosofia é uma atividade que, por meio de discursos e raciocínios, nos *proporciona* a vida feliz», eu diria antes, com maior modéstia, «que *tem tendência* a proporcionar-nos a vida feliz». Excetuando essa reserva,

⁵ Fragmento 219 da ed. Usener, transmitido por Sexto Empírico (Adv. Math., XI, 169), trad. francesa de M. Conche, Epicuro, *Lettres et Maximes*, PUF, 1987, p. 41.

esta definição, que remonta a vinte e três séculos e que me ilumina há quase trinta anos, continua a servir-me.

O que é a filosofia? Para o dizer por palavras minhas (embora conforme podeis ver, a minha definição é decalcada na de Epicuro) responderia: *a filosofia é uma prática discursiva* (procede «por meio de discursos e raciocínios») *que tem a vida como objeto, a razão como meio e a felicidade como fim*. Trata-se de pensar melhor para viver melhor.

A felicidade é o fim da filosofia ou, mais exatamente, o fim da filosofia é a sabedoria e *por isso* a felicidade – visto que, uma vez mais, uma das ideias mais firmemente estabelecidas em toda a tradição grega, é que a sabedoria se reconhece pela felicidade, ou, ao menos, por um certo tipo de felicidade. Porque se o sábio é feliz, não o é de qualquer modo nem a qualquer preço. Se a sabedoria é uma forma de felicidade, não se trata de uma felicidade qualquer! Não é, por exemplo, uma felicidade obtida à custa de drogas, de ilusões ou divertimentos. Imaginemos que os nossos médicos inventam, nos anos vindouros – alguns dizem que já o fizeram, mas sossegai, ainda há progressos a fazer – um novo medicamento, uma espécie de ansiolítico e anti-depressivo absoluto, ao mesmo tempo um tónico e um euforizante: *a pílula da felicidade*. Uma pequena pílula azul, cor-de-rosa ou verde, que bastaria tomar todas as manhãs para nos sentirmos permanentemente (sem qualquer efeito secundário, sem habituação, sem dependência) num estado de completo bem-estar, de completa felicidade... Não digo que nos recusaríamos a experimentar, ou a fazer uso dela com certa regularidade, pelo

menos de vez em quando, quando a vida se torna verdadeiramente difícil... Mas digo que quase todos recusaríamos contentarmo-nos com isso e que, de qualquer forma, recusaríamos chamar *sabedoria* a essa felicidade proporcionada por um medicamento. E o mesmo se aplica, evidentemente, a uma felicidade que apenas resultasse de um sistema eficaz de ilusões, mentiras ou esquecimentos. Porque a felicidade que desejamos, a felicidade a que os gregos chamavam *sabedoria*, aquela que é o fim da filosofia, não é uma felicidade obtida à custa de drogas, mentiras, ilusões ou *divertimento* no sentido pascaliano do termo; é uma felicidade alcançada numa certa relação com a verdade. Uma felicidade verdadeira ou uma verdadeira felicidade.

O que é a *sabedoria*? É a felicidade na verdade, ou «a alegria que nasce da verdade». Esta é a expressão utilizada por Santo Agostinho⁶ para definir a beatitude, a vida verdadeiramente feliz, em oposição aos nossos pequenos contentamentos, sempre mais ou menos artificiais ou ilusórios. E impressiona-me que seja essa mesma palavra, *beatitude*, retomada por Espinosa, muito mais tarde, para designar a felicidade do sábio, aquela que não é a recompensa da virtude, mas a própria

⁶ Santo Agostinho, *Confissões*, X, 23. Sobre o «eudemonismo fundamental» de Santo Agostinho, veja-se E. Gilson, *Introduction à l'étude de saint Augustin*, Vrin, 1982, pp. 1-10 e 149-163. Mas esse eudemonismo, na verdade, apenas prolonga o eudemonismo grego: «Um grego, qualquer que seja a concepção que tenha da essência da moralidade, não vê outro fim último para a atividade senão a obtenção e a conservação da felicidade» (Léon Robin, *La morale antique*, PUF, 1963, p. 72). [A *Moral Antiga*, trad. portuguesa de Dr. João Morais-Barbosa, Lisboa, Despertar, 1970.]

virtude... A beatitude é a felicidade do sábio, em oposição às felicidades que nós, que não somos sábios, vulgarmente conhecemos ou, digamos, às nossas aparências de felicidade que, por vezes, se alimentam de drogas ou álcool, muitas vezes de ilusões, divertimento ou má-fé. Pequenas mentiras, pequenos paliativos, pequenas medicações, pequenos estimulantes... Não sejamos demasiado severos. Nem sempre é possível passar sem eles. Mas a sabedoria é outra coisa. A sabedoria seria a felicidade na verdade.

A sabedoria? É uma felicidade verdadeira ou uma verdade feliz. Mas não façamos disso um absoluto. Podemos ser *mais ou menos* sábios, tal como podemos ser mais ou menos loucos. Digamos que a sabedoria indica uma direção: a do máximo de felicidade com o máximo de lucidez.

Assim, a felicidade é, sem dúvida, o *fim* da filosofia. Para que serve filosofar? Serve para ser feliz, para ser *mais* feliz. Mas se a felicidade é o *fim* da filosofia, não é, contudo, a sua *norma*. Que quero eu dizer com isto? O fim de uma atividade é aquilo para onde ela tende; a sua norma é aquilo a que se submete. Quando digo que a felicidade é o fim da filosofia, mas não a sua norma, quero dizer que não é por uma ideia me tornar feliz que devo pensá-la – pois muitas ilusões confortáveis tornar-me-iam mais facilmente feliz do que várias verdades desagradáveis que conheço. Não devo pensar uma ideia porque ela me faz feliz (caso contrário a filosofia seria apenas uma versão sofisticada e sofística do método Coué: tratar-se-ia de pensar «positivo», como

se diz, ou, por outras palavras, ludibriar-se). Não, devo pensar uma ideia *porque me parece verdadeira*. A felicidade é o fim da filosofia, mas não a sua norma, pois a norma da filosofia é a verdade, a verdade pelo menos possível (nunca a conheceremos na íntegra, de forma absoluta ou com uma certeza total), a que chamaria de bom grado, corrigindo Espinosa por Montaigne, *a norma da ideia verdadeira dada ou possível*. Trata-se de pensar, não no que me faz feliz, mas no que me parece verdadeiro, cabendo-me tentar encontrar, diante dessa verdade, seja ela triste ou angustiante, o máximo de felicidade possível. A felicidade é o fim, a verdade é o caminho ou a norma, o que significa que, se o filósofo tiver escolha entre uma verdade e uma felicidade – felizmente, o problema nem sempre se coloca nestes termos, mas por vezes assim é – só é filósofo, ou digno de o ser, se escolher a verdade. Mais vale uma verdadeira tristeza do que uma falsa alegria.

Sobre este último ponto, nem todos estarão de acordo. Muitos de vós, nesta sala, dirão a si próprios que, entre uma verdadeira tristeza e uma falsa alegria, prefeririam uma falsa alegria... Muitos, mas não todos. Pois bem, aqui temos uma excelente pedra de toque para saber quem é filósofo na alma e quem não o é. Toda a definição da filosofia já envolve uma filosofia. Do meu ponto de vista, só é verdadeiramente filósofo aquele que ama a felicidade, como todos nós, mas que ama *ainda mais* a verdade – só é filósofo aquele que prefere uma verdadeira tristeza a uma falsa alegria. Neste sentido, muitos são filósofos, mas não profissionais de filosofia,

e ainda bem; e alguns são profissionais ou professores de filosofia sem, por isso, serem filósofos, e é pena.

O essencial é não mentir, e, antes de mais, não mentir a *si mesmo*. Não mentir sobre a vida, sobre nós próprios, sobre a felicidade. E é porque gostaria de não mentir que adotei o seguinte plano. Num primeiro momento, tentarei compreender por que razão não somos felizes, ou o somos muito pouco, muito mal ou raramente: a isso chamarei *felicidade malograda ou armadilhas da esperança*. Num segundo momento, para tentar sair dessas armadilhas, irei expor uma *crítica da esperança*, desembocando naquilo a que chamarei *felicidade em ato*. Por fim, num terceiro momento que poderia chamar-se *felicidade, desesperadamente*, terminarei evocando o que poderia ser uma sabedoria do desespero, num sentido que especificarei, e que seria também uma sabedoria da felicidade, da ação e do amor.